

# A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Factor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 13 DE JANEIRO DE 1894

## EXPEDIENTE:

Assignatura annual. . . 12\$000  
 " semestral 7\$000  
 Numero avulso. . . \$200  
 " atrazado . . . \$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

Havendo terminado o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, afim de que não lhes seja suspensa a romossa da folha.

Os Srs. assignantes de anno tem direito no livro BRIC-À-BRAC, do Valentim Magalhães.

SUMARIO.—Historia dos sete dias—Julio Valmor; O romance brasileiro: A Normalista—Araripé Junior; Victor Hugo. poesia—Soares de Souza Junior; Mãe—J. de Moraes Silva; D. Alda, poesia—J. da Silva; Cartas á minha irmã, IV—Vicente Sobrinho; Poesia e Poetas—V. M.; Classifica dos livros—L. R.; Mario, soneto—D. Castro Lopes; Gazetilha litteraria; No livro—Rosa; Theatros—P. Talma; Factos—Correio—Eurico; Tratos á bola—Frei Antonio; Archivo.

## Historia dos sete dias

Porque será, pensava eu pouco antes de me assentar a esta mesa, que entre nós quasi todos os chronistas são metamorphoses de poetas? Poeta o da "semana" da GAZETA, poeta o da "Chronica livre" da mesma, poeta o da "Chronica luminense" do ALBUM, poeta o da "Chroniqueta" do PAIZ que lá fol agora chroniquetar para o ECHO DE DIAMANTINA, poeta o José do Egypto, e se lhe fosse permittido metter-se na roda, poeta mais por aqui, mais por alli, orabiscador d'estas historias.

Sem pretender inculcar extraordinaria perspicacia, não me demorei muito tempo em responder a mim proprio.

E' que a chronica suppõe acontecimentos; ora os acontecimentos têm por vezes caprichos singulares, como por exemplo, não acontecerem, ou acanharem-se, segundo as leis do pudor, quando o pudor das leis aperta com elles, de vir posar inteiramente nus diante da critica esmiuçadora.

N'estas circumstancias é que os poetas são de um valor inestimavel, attenta a facilidade com que exploram o campo da phantasia, não correndo o risco de que a falta de assumpto os obrigue a "ficar curtos," para me servir da expressao franceza.

Peço perdão pelo gallicismo, mas é que o acho extremamente pittoresco: "ficar curto." Nós, pelo contrario, costumamos dizer de um sujeito que não sabe como se ha de sair, que se estendeu. Ora a locução gauleza é incom-

paravelmente mais expressiva, principalmente tratando-se de chronistas, que verdadeiramente só se estendem, quando se não estendem bastante

Como ia, pois, dizendo, graças áquelle dom com que as musas os dotaram, entendeu-se aproveitar de preferencia os poetas na doce missao de entreterem os leitores em cada semana com historias, toda a vez que os factos não deem de si historia.

Que para este effeito ha quem diga que os philosophos são melhores. Em estes senhores apanhando o fio de uma ldela já o não largam mais, emquanto não urdem com elle uma tela tão complicada que é muitas vezes nada mais nada menos do que um systema completo e fundamental para a comprehensão dos phenomenos da vida.

A meu ver, taes sujeitos andam deslocados n'este fim de seculo. Nós não precisamos absolutamente de comprehender a vida, nem temos tempo para isso, o que precisamos é de viver. Não conseguí nunca pôr em concordancia as duas partes do aphorismo—primeiro viver, philosophar depois—. Depois, quando?

Por isso, encontrando-me, ha dias, com um amigo, que é um dos ornamentos da nossa Escola Polytechnica, no correr da conversa, deixei escapar a seguinte phrase: a philosophia é a dyspepsia do espirito. Como, porém, caminhassemos ambos com pressa e em direcções oppostas, não tive tempo de desenvolver-lhe a minha theoria, o que agora faço, prodigalizando-a, aos leitores para quem não tenho segredos.

E' cousa sabida que, sempre que o nosso organismo funciona com inteira regularidade, que a circulação se faz sem embaraços, que a digestão não encontra impedimentos, que ha, enfim, completo equilibrio em todo o systema, não nos importamos absolutamente com o nosso corpo; trate lá de si, ande como bem quizer, não temos nada com isso. Mas, por pouco que se nos azede o estomago e se nos turve o sangue, ahí entramos nós a observar o nosso organismo, a prescrutar-lhe o funcionamento, a procurar acompanhar passo a passo todo o processo physiologico com uma solicitude verdadeiramente enervadora.

Ora com o philosophismo dá-se exactamente a mesma cousa. Emquanto a nutrição do nosso orgão mais elevado, sede culminante do espirito, se opera espontaneamente e de um modo natural, emquanto a massa encephalica se conserva em toda a plenitude da força creadora que constitue a vitalidade cerebral, não ha perigo que a porção de Hamlet que reside em cada um de nós lhe perturbe a actividade com curiosidades indiscretas: "Ser ou não ser"—"Dormir! Dormir? Sonhar talvez!" E outras que taes.

Mas, tão depressa o absyntho amargo do pik-nik da vida nos sobe á cabeça, estado assás conhecido de todo o mundo pelo nome piccaresco de macaquinhos no sótão, ahí começa cada um a interrogar a esphyngue, com o mesmo ardor obstinado com que um Falstaff das guas, atestado de aguardente, interroga os lagados da calçada.

Na ancia de novidades litterarias com que satisfazer os meus leitores, e por des-sedentar-me a mim proprio da sede que me devora o espirito, percorro as livrarias. Os livreiros negam-me a consolacão de uma obra qualquer que mereça as quatro horas da leitura e os tantos mil réis pelos quares elles mandam traduzir os tres ou quatro francos exarados na lombada.

Então recordo para me contentar o que me disse um dia o escriptor Teixeira de Queiroz, conhecido no mundo das letras por Bento Moreno.

Andando nós a flunar em uma feira de cousas velhas a que dão em Lisboa o nome sibyllino de Feira da Ladra, como aquelle meu amigo me visse encaminhar para um alfarrabista, segurou-me pelo braço e, compondo a luneta com um gesto que lhe é peculiar, quando pretende dar solemnidade á expressão, exclamou:— Anda-te embora. Não precisamos de livros. Livros sabemos nós fazer.

Ficou-me aquillo a trabalhar cá por dentro e muitas vezes penso comigo: Não seria melhor fazermos nós mesmos os nossos livros com as nossas proprias ideias, que, quando não prestassem para mais nada, serviriam ao menos para nosso uso, do que andarmos por ahí á cata de idéas em segunda mão, que nos chegam da França a tres e a quatro francos o volume, principalmente agora que o franco está a 930? Não valeria bem mais concentrarmos nós mesmos as nossas faculdades no recolhimento mysterioso de uma fecundação vivificante?

Vão dizer-me que nem todos são para tudo, que não é fertil quem quer, que ha ahí cerebros verdadeiros Saharas, cabeças verdadeiras Saras no tocante a esterilidade.

Para esses, porém, poderiam talvez experimentar-se com vantagem os meios artificiaes.

Haveria chocadeiras de inspiração, em que actuassem os excitantes, como o café, o alcool etc., com tesourinhas de cortantes ironias, que, á felção de espevitadeiras, aticçassem o cerebro, fazendo-o chispar em bons ditos. Estufas de nobro ardor patriotico sopradas por uns que têm a patria sempre na bocca, o que os desobriga de a terem no coração, com o fim de conservar continuamente des-perto o fogo sagrado que origina as epopeias. Pensar-se-ia na maneira de

injectar-lhes n'alma as grandes commoções interiores que fazem brotar as ideias com a exuberancia das florecencias tropicaes.

Tudo isto poderia haver e muito mais ainda, mas, enquanto nada d'isto ha, que, ao menos, aquelles dos nossos homens de letras, que têm sempre acceso na cabeça o lume vivo a que se refogam os guisados litterarios, se compadeçam na nossa anemia.



— Oh! Então já por aqui! Venha de lá esse abraço. Tinha-me dito que ia ficar por S. Paulo uns dois mezes e agora vejo que não chegou a demorar-se quinze dias.

Esta exclamação aproveito-a tal qual me saiu agora mesmospontanea, ao dar de cara no escriptorio da redacção d'esta folha com o seu redactor-gerente, que eu fazia-nas delicias da Paulieca, a estragar-se com os mimos com que alli o receberam.

— Vim, mas volto breve, atalhou. Você não pode imaginar o que aquillo é: que vida! que progresso! que edificações! que riqueza! E as pessoas então, que franqueza! que cordalidade! que hospitalidade! E no amor ás letras são de uma cegueira... Imagine você que até gostam das suas chronicas.

— Oh!

JULIO VALMOR.

## O ROMANCE BRASILEIRO

A NORMALISTA.—SCENAS DO CEARA'  
—por Adolpho Caminha.—1893.

(Conclusão)

### III

Não é romancista quem quer ser-o; nem basta o uso de certos processos para que se consiga compôr uma historia ou narrar um episodio da vida de todos os dias de modo a causar sossobro.

E' preciso antes de tudo ter imaginação, alliada a um grande poder de observação; é preciso mais que o escriptor possa meditar o desenvolvimento logico dos caracteres, e traduzil-os ou suggeril-os no espirito do leitor pela intensidade da expressão, que, segundo diz E. Véron, constitue o supporte de toda a arte moderna. Sem estas qualidades, pertença o escriptor a escola que pertencer, nunca passará de insulso relacionador de acontecimentos.

O romance, para merecer esse nome, exige que em suas paginas se imprima uma profunda sensação da vida e da verdade; e é precisamente por isto que, ao passo que as escolas desaparecem, os bons romances rejuvenescem, desafiando a influencia do tempo e o embate das opiniões dos estheticistas; é por essa razão tambem que hoje lemos com o mais vivo interesse o "Tom Jones" de Fielding, os livros de Jane Austen, o "David Copperfield" de Dickens, o "Ontario" de Cooper. Embora oriundos de epochas e phases litterarias diversas e de temperamentos antagonicos, estes romances guardam entre si um parentesco, que é o que resulta da pintura sincera da verdade e do sentimento da continuidade da vida humana. E' ainda devido a essas qualidades que os romances de Tolstoi e Dostoiewsky invadiram o gosto francez e que as obras de Ibsen e Bjornstjerne Bjornson, aliás pela maior parte escriptas ha bons vinte annos, estão no momento actual excitando os appetites poeticos da juventude parisiense, apezar

de todas as pretensões dos novos cenáculos litterarios.

Ora, o autor d'"A Normalista," se não é um mestre consumado na arte de narrar e descrever caracteres, apresenta, pelo menos, no seu primeiro livro uma força de execução notavel, que poderá ser aproveitada na escola que o romancista quizer seguir.

A grande questão é que o escriptor cearense tem a sensação forte e maneja com facilidade a machina do livro. Hoje vemol-o acompanhar como bom discipulo a Emillo Zola ou ao proprio Aluizio Azevedo; nada obsta que amanhã, se o temperamento não o contrariar, enverede pelos estudos psicologicos de Bourget, pela phantasia erudita e impressionista de Huyssmann ou pelo occultismo das ethopeas de Josephin Péladan.

Uma circumstancia, porém, não escapará ao leitor d'"A Normalista;" é o effeito resultante do conjunto dos aspectos exteriores que constituem a "mise en scene" do livro.

Só quem conhece a arte practicamente pode avaliar o valor d'esses elementos exteriores aos personagens do romance. Ha talvez quem supponha que para que um caracter se fixe na imaginação do leitor, violentando-lhe a attenção, basta desrevel-o ou passal-o por diante dos olhos; e assim pensando naturalmente recorda-se da simplicidade, antes da singeleza de Paulo e Virginia, de Hermann e Dorothea, de Graziella e o poeta, e de outras figuras litterarias, que parecem feitas a dois traços e a duas tintas. Pois bem, nada de mais complexo, na sua aparente singeleza, do que esses quadros de amores primitivos.

E' fóra de duvida que as telas não estão sobrecarregadas de incidentes; mas não é menos certo que os autores dessas obras nada perderam do ambiente que pudesse concorrer para dar realce aos vultos sympathicos d'aquelles amourosos.

O idyllo de Bernardin de Saint-Pierre não seria o que é se o não envolvessem a vida e a paisagem tropical da ilha de França. A innocente historia de Goethe não teria para nós o mesmo sabor se não surgisse em torno das duas despretenziosas creaturas a patriarchal aldeia allemã. Os amores de Paulo, tão sentimentamente descriptos por Lamartine, não achariam em nossa alma o mesmo echo doce e melancolico se o poeta não fizesse ouvir o marulho das ondas do golpho d'Ischia e o canto longinquo de pescadores.

Todo o grande segredo de narração reside, portanto, na habilidade com a qual o narrador consegue ligar os seus personagens ao meio em que estes se agitam, colorindo o dialogo e dando intensidade ás figuras pelo jogo da perspectiva.

Não escassea esse dom no autor d'"A Normalista." Se empreendesse analysar com o microscopio um por um dos caracteres é bem possivel que encontrasse grandes hiatus na sua desenvolução logica e até contradicções sob o ponto de vista do determinismo. Mas estes defeitos são perfeitamente resgatados pela adaptação dos personagens ao meio e pelo movimento do ambiente.

Emquanto se lêem aquellas paginas vive-se um pouco no Ceará.

Os accidentes physicos estão todos nos seus logares. As ruas principaes da cidade, o Passeio Publico, o Trilho, o Pajehú, o Mocoripe surgem aqui, alli, além, suggestivos e pittorescos. Os aspectos partiares dos costumes cearenses confundem-se a todo instante

com a acção do romance. A visita do presidente Dr. Castro á escola normal, o exame das normalistas, o "flirt" á tarde na avenida Calo Prado, o casamento de Lydla, o gabinete de redacção da "Provincia," as scenas de um café provinciano; os "hors d'œuvre," emfim, do livro illustonam e completam por tal modo o movimento do romance que quasi o absorvem.

O Sr. Adolpho Caminha não é um preocupado de estylo. A sua narração corre ao natural, sem atavios, mas tambem muito descuidada.

Para os tempos que fluem isto é um crime imperdoavel. Os factos da phraseologia, pelo menos, não o deixarão passar sem atirar-lhe uma pedrada. Nem todos, porém, nascem com o temperamento exigente de um Flaubert ou de um Goncourt. O proprio Emillo Zola nunca se preocupou senão com o vigor da expressão, desprezando tudo quanto pudesse interessar á subtilidade e aos detalhes do pensamento.

Todavia seria para desejar que o estreante evitasse de futuro tal increpação. Nem tanto ao mar, nem tanto á terra.

O estylo não é um fim, mas um meio; e convem que esse meio não se converta em vehiculo de falsas sensações.

ARARIPE JUNIOR.

## D. ALDA

("Lieds" modernos)

Hoje D. Alda madrugou. A's costas  
Solta a opulenta cabelleira d'ouro,  
Nos labios um sorriso de alegria,  
Vae passear ao jardim; as flores, postas  
Em longa fila, alegremente, em coro  
Saúdam-n'a: "Bom dia!"

D. Alda segue... Segue-a uma andorinha;  
Com seus raios de luz o sol a banha;

E D. Alda caminha...  
Uma porção de folhas a acompanhar...  
Caminha... Como um fulgida brilhante,  
O seu olhar fulgura.

Mas — que cruel! — ao dar um passo adeante  
Emquanto a barra do roupão sofreda,  
Pisa um cravo gentil de lactea alvura!

E este, sob os seus pés, inda murmura:  
"Obrigado, D. Alda!"

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

## MÃE

"Mãe é mais que mulher.  
"Mãe é mais do que tudo.  
"Mãe é como dois céos!"

Foram estas as minhas exclamações quando a vi passar, porque não a conheci: ella era outra muito diferente.

A moça que eu vi outr'ora, flexivel, malleavel, esguia como a palmeira, tal qual uma ampulheta de dois corações presos pelo apice, em que se formara a cintura annellada, subtil, papilionacea; a moça que eu vi outr'ora era elegante, gentil, vaporosa, adoravel! e todos que a encontravam sabia que ella queria ser a vestal querida dos deuses, mas não como Iliá.

E' aquella que alli vae?!

A moça que eu vi no balle quando valsava no meio de uma brisa perfumada; e levantava os olhos, levantava as azas... e fazia ver uma nuvem branca no céu?!

Será aquella?!

Ella guardava os seios virgens como se foram os fructos de ouro; olhos cubicosos não podiam penetrar aquelle jardim trançado.

E surgiu a mãe daquelles seios; e surgiu a mãe daquelle ventre; o ventre de Maria?!

Lá vai ella: o peito desvelado, sem temer a cubita, sem ver os olhos penetrantes e furtivos; o filho no collo, como a cruz do amor e da honra, que se prega no peito dos heroes.

Não tem pejo, não, como o mamoeiro, que é a Pomona metamorphoseada. O passarinho do céu espicaça o fructo maduro, onde está guardada a ambrosia doce e chelrosa.

A cintura mimosa cedeo á chrysalida; cahiram as petalas da flor, ficou sómente o calice, que tem mel nos labios e fel no coração.

D'antes mostrava-se como as estatuas dos jardins, as deusas que estão acima de nós, e vestem-se de nuvens.

Tinha um riso que fazia rir até chorar; tinha um olhar que attrahia sem querer, como Iman que não sente. A bocca faria peccar; os olhos fariam ajoelhar.

Tão formosa!

Agora já não ri para mostrar as perolas e os rubins; já não olha para chamar sem saber: só tem o filhinho no collo; dá-lhe de mamar nos fructos do coração, não traz a couraça das mulheres que ainda querem conquistar; tem o deleixo das deusas que se desvelam porque não temem mais a ousadia dos homens.

Diana transformou-se em Ceres.

Não quer mais que olhem para ella, quer sómente que olhem para o seu filhinho.

E' aquella?! Nem ella mesma o sabe, porque pensa que ninguem vê.

Não quer que a amem: amem só a seu filhinho, tão lindo! tão puro! — e mostra-o.

Acabou-se a palmeira; fugio a borboleta; não resta mais nada d'aquella formosura ostensiva.

O filho algum dia ha-de vel-a sem nada do que fol: martyr somente; sem botões de flor; sem collo presumptoso, sem q'into de Venus; — mãe somente.

Até mesmo a Magdalena se fosse mãe não teria medo da primeira pedra.

A mulher é o principio, a mãe é o fim: a terra e o céu.

Aquella deixou tudo pela ambição santa de ser divina e creadora.

A mulher tem tudo o que o homem tem; mas a mãe tem mais do que o pai: tem madre e tem seios; a madre é o sacrario; os seios são as azas: os anjos têm azas no dorso para subir; as mães têm azas na peito para descer.

Oh! sim, sim: mãe é mais que mulher; é mais do que tudo; é como dois céos: é mulher porque tem seios, é céo porque guarda os anjos.

J. DE MORAES SILVA

## CARTAS Á MINHA IRMÃ

IV

1º de Janeiro.

Anno Bom, badalando doze vezes, doze graves vezes, chegou por uma noite negra, mais negra que o rei Melchior, o mago, o qual a estas horas se encaminha pelas estradas de Bethlém, á procura do presepe, para dobrar seus joelhos perante o Messias e oscular-lhe a bocca, a bocca ainda humida de leite, e que será osculada por Judas e que será osculada por Maria de Magdala... Anno Bom chegou, trazendo festivos risos e promessas de encantar, e, a esta hora em que trabalho, ouço lá fora cantarem os passaros, e eu sinto dentro de mim o meu coração encher-se todo elle de esperança, como se o meu coração, san-

grento de saudades tuas, fosse uma preciosa esmeralda...

Saudades tuas e muitas, minha irmã Albertina, enquanto tu ahí, no insular imperio japonéz, adoras com a tua admiração as collossaes estatuas grotescas dos Budhas, e, vestindo-te á japoneza, vaes de braço cruzado com o de teu marido, em cuja cabeça creio que já se balance um rabicho, curiosamente perambular pelas ruas de Yeddo, seguindo com os olhos, pensativos de recordações do Brasil, os papagaios de papel que os pequeninos japonezes soltam no céu claro e que lá se vão para outras terras...

As ruas são populosas, cheias de bazares de quinquilharias, dentro dos quaes se vêem os pacientes e immoveis filhos de Nipon, com seus narizes sensuaes, olhos obliquos e côr de marfim revelho na face larga, cuidadosamente recortando, em enormes dentes de elephante, "marionettes" de bufalos das montanhas do seu Nipon, ou fazendo de um tronco de páo surgir a figura bizarrissima de um bonzo, com immensos bugalhos d'olhos, cauda de serela e uma bocca chata de peixe... E alli elles se ficam, horas e mais horas, numa paciencia de Job, o nossô biblico, tão mudos e quietos como o enorme candelabro de bronze que a um canto do bazar levanta a sua figura exotica de uma grande cegonha erguendo-se sobre a massa rusa de uma tartaruga... E o sol sobe e o sol desce e tu sempre a passeiar com teu esposo, o novo mandarim Alfredo, com a curiosidade a rir-se na tua bocca, nos teus lindos olhos, e no farfulhar constante de tua roupagem de seda de senhora mandarina...

—Mikado! Mikado!... e assoma no extremo da rua a figura do chefe do paiz do arroz, saudado pelos gritos da população, na sua linguagem interessante, em que as palavras como se vão quebrando em syllabas.—Mikado! Mikado!... e a caleça d'ouro aproximando-se, as cabeças curvam-se em adoração ao divino e optimo japonéz, e é ainda sob os gritos de Mikado! Mikado! que a caleça se some no outro extremo da rua, tendo passado como uma visão pelos olhos do mandarim Alfredo e da mandarina Albertina, os dous falsos japonezes, que vão peregrinando o seu amor pelo imperio das ilhas, pelo amoroso paiz da porcellana... Mikado! Mikado! e o imperador passou, e immoveis, com a paciencia biblica de Job, japonezes nos bazares recortam "marionettes" de bonzos...

... Mas, subito, estala na imaginosa cabeça brasileira do mandarim falso, uma idéa; cresce, cresce mais, e envolve-lhe a cabeça, rubramente, como um barrete phrygio: — a Republica Japoneza!

A felicidade acompanha os estrangeiros como agora os tres reis magos estão acompanhando a estrella que os conduz a Bethlém: revoluciona-se pois o Japão e para o céu claro, claro como um prato de porcellana, sobe o optimo e divino Mikado, que se matou de tristura, dormindo no seu salão imperial, no meio de uma multidão immensa de crysanthemos em flor, que cheiravam agudamente, na sediciosa noite em que pelos ares do Japão, refrescado de brizas marinhas, corriam e se cruzavam os gritos de Republica, e, quando a aurora se torceu em convulsões louras lá para os lados em que o sol nasce, o mandarim Alfredo, teu esposo, minha irmã, era quem presidia o paiz dos arrozaes, como Cidadão divino e optimo.

Oh, nesta S. Paulo, na minha vida banalissima, recebo um telegramma: "Vinde, sois o meu mandarim letrado, o meu ministro das letras; mando ao porto de Santos para vos trazer uma jangada de placas de ouro e velas de seda. Busca-vos o nobre Taiko-Sima e alimentar-vos-eis com deliciosas onstras que mandei apanhar no estreito de Sangar e com as perolas que nellas achardes, fareis adorno para a veste de mandarim que Taiko-Sima vos leva." E eis-me no mar, no mar sem fim, a aprender o japonéz com Taiko-Sima, que é um galante mancebo, que já me vai iniciando no mulherio de Yeddo, contando-me historiolas de namorados...

—Terras de Zpangú, terras de Zpangú! e Taiko-Sima, agitando seu lenço bordado, berrava de alegria, vendo pular das ondas a terra do Japão.

Festas varias, funcções de gala inacreditavel, folgares do poviléo em massa e uma mensagem laudatoria em papyrus excellente dos litteratos japonezes, acolleram o ministro das letras. Correram boatos de que muitos senhores serlos entraram em casa de suas burguezas esposas a oscillar e parlando em demasia, e disseram mesmo que o novo mandarim letrado tomara uma camocca... Calumnias, senhora minha irmã, a mandarina, calumnias...

Passada entretanto a azafama festiva, a saudade de uma formosa mulher de profundos olhos negros, que eu deixara no Brasil, foi-me prendendo na sua melancolia, e fugia-me da pena a inspiração ao escrever os relatorios litterarios, pois me obscura a nostalgia do mar negro dos olhos da brasileira formosa. Mandei-a buscar na minha terra, e, na vespera de sua chegada, mizei meu corpo nos espelhos do meu rico palacio: já engordara algum tanto e já o meu rabicho se balançava ao vento, quando ventava... Estava formoso.

Jangada de placas de ouro e velas de seda, que fostes buscar minha amada, agora podéis chegar; aqui da prala vos saúdo e os meus braços abriram-se e estão abertos á espera de estreitar dous seios grandes, grandes como duas grandes rosas.

E a jangada chegou e nella a minha formosa patricia trazla seus profundos olhos negros.

—Salamaleque! mandarim peralta.

—Salamaleque! feiteiceira dama.

E dando-lhe o braço, ella deu-me o seu, e foi assim que entrámos, eu na minha redondeza de mandarim gordo, ella na sua alegria de ser minha, pelas ruas de Yeddo, e festas varias, funcções de gala inacreditavel, folgares do poviléo em massa saudaram nosso consorcio, quando patriarchal sacerdote budhista nos uniu.

A' noite entrámos juntos, pela primeira vez sósinhos, no nosso quarto de casados. Ella vinha medrosa; eu vinha atrevido, e furtei-lhe um beijo dos labios, um beijo dado com tanta força que... acordei sem querer do sonho que vinha dormindo por estas tiras abaixo...

São lindos, são, os sonhos que nos vêm pelos dias de céu claro, claro como um prato de porcellana, porém é pena que elles não durem algumas horas mais, até que a aurora se torça no Oriente em convulsões louras.

Mas, seja feita a vontade do Deus Confucio.

Jose' VICENTE SOBRINHO.

S. Paulo, 1894 (20º anno).



## VICTOR HUGO

Depois que fez o mundo, ás nuvens Deus su-  
[biudo,

Olhou e viu a terra—um ninho, e então, sorrindo,  
Mil beijos atirou nas pontas dos seus dedos;  
As flores nos lisins brotaram dos rochedos;  
Cravaram-se no azul as limpidas estrellas;  
O mar teve a canção das ondas; aquarellas  
O sol no seu poente,—o prado as açucenas  
E a bandoleira luz das celeres phalenas;  
E Adão, no Paraíso, á sua companheira,  
Amo-te! murmurou, sorrindo, a vez primeira.

Era o sétimo dia, o dia do descanso,  
E Deus cerrou o olhar sereno, puro e manso.

Mas nisto Gabriel, o cherubim formoso,  
Que de longe viera, e nas hyalinas azas,  
Branças como crystaes, com renigios de brazas,  
Librou-se magestoso,  
Ao vel-o a dormir, murmura brandamente,  
Com dulcissima voz de trepida corrente:  
— Meu Deus, meu Pai, Senhor,  
De um bando de anciãos, de velhos peregrinos,  
Grandes como o Ararat, e tímidos meninos,  
Eu sou o embaixador.

Ouvlu-lhe Deus a voz, e disse:—Que me querem?  
Quem são e d'onde vêm?

— Os seculos, meu Pae;  
Respondeu Gabriel.  
— Os seculos? que esperem,  
A vez que a cada um no livro do Destino  
Marquei para reinar.  
— Ao decreto divino  
Curvam-se, mas falar vos querem. — Filho, vae.  
E diz que os espero.

E Gabriel as azas,  
Branças como crystaes, com renigios de brazas,  
Abriu, fende o espaço.

Desceu o arbanjo ao monte onde os seculos  
[dormem

Do Chãos no regio paço,  
Até que se transformem  
Nos dias de verão, de sol, de primaveras,  
Ao eterno rodar das infinitas éras;  
E em seguida os levou nas hyalinas azas,  
Branças como crystaes, com renigios de brazas.

— Eil-os aqui, Senhor,  
E pedem-vos uns dons, munifico favor  
Que esperam alcançar de vossa Omnipotencia.  
Nos olhos sorridentes  
De Deus brilhou um raio, um raio de clemencia,  
E subiram-lhe á frente e aos labios esplendentes  
As alegrias mansas,  
D'essas que as tem só Deus e as candidas crianças.

— Vamos, dizei, dizei, contai-me o que quereis,  
Que a cada um de vós darei por sua vez  
O que me fôr pedido.

Assim falou o Eterno,  
Nelles cravando o olhar, o doce olhar paterno.

E os seculos falando,  
Por elles o bom Deus, o prodígio divino,  
Os finissimos dons foi repartindo e dando

Do cofre adamantino,  
Do divinal erario encrustado de sóes,  
Feito do azul do ceu com laivos de arrebóes,

A este deu a Força, áquelle a Liberdade,  
A um a Santa Paz, a outro a Magestade,  
Ao que falou em guerra  
Deu-lhe Deus o Poder e o mando sobre a terra,  
E ao que pediu o Amor concedeu-lhe Jesus...

Mas um vendo em silencio, assim Deus lhe  
[falou;  
— Seculo dezenove, o que quereis?

— A Luz.  
— Quereis a Luz? Pois bem! Terás — VICTOR  
[HUGO!

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

(Da RAÇA HUMANA, poema inédito.)

## POESIA E POETAS

CORAÇÃO chama-se o livro de versos de Zalina Rolim, a nossa joven collaboradora.

Na carta de Ezequiel Freire que a autora, "obdecendo ás solicitações de seu affecto e de sua saudade" estampou á frende de seu livro para substituir o prefacio que o saudoso homem de letras não tivera tempo de escrever, chamado pela Morte, diz elle:

"O seu livro ha de causar, auguro, uma delicada e risonha surpresa á nossa mocidade intelligente. Ha tanto tempo

não vemos a Arte tão pudica, sincera e casta!

"Se me permite um simile que traduza a minha idéa, direi que os seus versos parecem-me vestidos de "mouscelines" caseiras, aromatisados com aquelles peculiares e suaves perfumes das gavetas dos moveis intimos:—folhas seccas de rosas e malvas e o doce effluvio da raiz do veti-vert."

O illustre e inesquecivel poeta das FLORES DO CAMPO não podia encontrar simile mais fiel, mais feliz para definir a poesia da autora do CORAÇÃO.

Ella é aquillo mesmo. Canta e responde com uma suavidade, uma doçura, uma harmonia encantadoramente castas.

Cheira a roupas leves, singelas, perfumadas por folhas seccas de malvas e rosas.

E' um livro delicioso — dizemol-o sem a minima lisonja, fazendo critica sómente.

Zalina tem uma alma de poeta e possui, felicidade rara, a linguagem propria a servil-a. D'ahi o sentimento,—pouco variado, mas suave e sincero sempre,—que lhe anima as composições e a admiravel força expressiva do vocabulario. Ides vêr. Lêde, primeiro, este soneto:

## OLHANDO O CÉO

Manhã limpida e fria. Alegremente,  
Por entre as grandes arvores coada,  
Num largo feixe luminoso e quente,  
Vara do sol a flua luz dourada;

Palpitam azas, velludosamente,  
Na maciez dos ninhos... Esgarçada  
Pelo tremor da aragem, lentamente,  
Sobe do fumo a fita desdobrada.

Madrugadoras, leves andorinhas  
No azul sereno, em trepulos adejos,  
Passam, traçando capriciosas linhas...

Idem com ellas, meus anhelos sautos,  
E ao coração, que é o céo dos meus desejos  
Meus sorrisos levae, levae meus prantos.

A idéa de certo é velha e tem sido cantada mil vezes; como, porém, ainda o não foi "assim" com esta doçura, este encanto secreto de sentimento e expressão, o soneto é original, é novo, e lindamente novo, o que é melhor.

Não ha uma só nota violenta neste livro.

O proprio gemido é discreto.

CORAÇÃO é uma paizagem tocada com firmeza e emoção, mas em que só ha meias tintas, em que o céo é azul, mas de um azul diaphano e leve como o dos velhos caolins japonezes. Tem a facultade descriptiva e tão delicada e sensível que os seus quadrinhos palpitam nos menores detalhes. Vêde este

## CROQUIS

Quarto de moça: abrindo-se ao Levante,  
Uma janella emoldurada em flores,  
Donde se avista o campo verdejante,  
Que o sol nascente inunda de esplendores.

Completa ausencia de primores d'arte,  
Raros adornos, moveis de recreio;  
Mas, esvoaçando aereo, em toda parte,  
O grato aroma salutar do acoço.

Ao centro o leito pequenino e leve,  
Sem ornamentos de maior valia;  
Cortinas alvas de um candor de neve,  
Que a alma refresca e os olhos delicia.

Além a estante de madeira fina,  
A mesinba de estudo, a pasta e as pennas,  
Que pacifica e tepida illumina  
A claridade das manhãs serenas.

Rente á janella o toucador e ao lado  
Sobre o tapete a cesta de costura:  
Flores, setins, tesouras de bordado,  
Numa engenhosa, artistica mistura.

E o sol entrando alegre e satisfeito  
Pela janella, fulgido, allumia  
O livro de orações junto do leito  
E á cabeceira a imagem de Maria.

Tão simples, tão banal, tão velho, tudo isso; mas que frescura, que graça, que repouso moral respiram esses versos! Como fazem bem ás nossas almas combalidas e inquietas de caçadores de novo de garimpeiros de Ideal!

Não fechoarei estas rapidas notas sem assignalar a extrema correção de metrica de Zalina Rolim. Versifica com toda a arte e o mais apurado gosto, sem a preoccupação da rima rica, mas sem esquecimento das boas regras que a dominam.

Se houvesse nesta pobre terra, convulsionada por paixões politicas, famelicis e uivantes como bandos de lobos, publico que bastasse a esgotar a edição de um livro de versos castos, a do CORAÇÃO seria consumida em uma semana.

Beijonas mãos da joven poetisa, gratissimo pelo bem que me fizeram seus versos.

V. M.

## CHRONICA DOS LIVROS

MAR—Por Alves de Farias—Folheto de 60 pags. impresso em Carangola, 1893,

O Sr. Alves de Farias, um moço de bastante talento, acaba de lançar á luz da publicidade um delicado folheto, MAR, de 60 pags. apenas, mas atravez das quaes se presente a alma vibratil de um artista, se não extraordinario, pelo menos, digno de occupar logar saliente entre os escriptores da moderna geração litteraria.

Alves de Farias não é um desconhecido, sobretudo para aquelles que não se encastellam no indifferentismo da quasi totalidade do nosso publico, que só tem os olhos voltados para o jogo e para a politica, que, como um polvo monstruoso, distende de dia para dia os seus tentaculos fortes e tenta absorver a attenção d'esses que ainda gastam algumas horas em ler litteratura.

MAR é uma novella agradavel, que reúne em si todo um poema de amor de marinheiro, todo um trecho de marinha habilmente desenhado, com os seus verdadeiros tons, copiado do natural e descripto com uma singeleza de phrase, rude ás vezes, ás vezes tocante e deliciosa, que nos faz ter pelo seu auctor um quasi que enthusiasmo, aliás bem merecido, si não fossem alguns senões que encontramos aqui e allí, espalhados pelas 60 pags. do livrinho.

Queremos com isto apontar o abuso dos estrangeirismos tão copiosamente empregados pelo Sr. Alves de Farias.

E' assim que depois da má impressão que nos deixou a palavra "abat-jour" á pag. 7, mais para adiante encontramos ainda: "berceuse," repetida quatro vezes, "rondeur," silhouettes" (duas vezes) e por ultimo toda uma phrase: "souple de couleuvre." (?)

Não sabemos porque o Sr. Alves de Farias, tendo a facilidade de manejar a phrase, chetendo mesmo os segredos da fórma, não se deu ao trabalho de substituir aquellas expressões por outras propriamente tiradas da nossa lingua.

Pois é tão vasto o nosso repositorio linguistico, tão vasto e tão rico de termos, que procurados com um pouco de paciencia, caberiam perfeitamente no espaço occupado por aquelles outros puramente francezes e que tão mal se apresentam (a nosso ver) no decorrer da graciosa novella.

Não nos taxem de rigorosos por apontarmos estes senões no MAR, nem mesmo queira ver o seu auctor nestas desprezíveis linhas uma prevenção contra a sua obra, a primeira talvez que atira á luz da publicidade.

Somos os primeiros a declarar que em rigor aquelles senões não passam de uma simples exsistite e nada mais, e nunca poderão ser tomados como um defeito capital que esteja para alli a destruir o valor da producção.

Seja embora tambem uma exsistite nossa, isso que ahí fica dito, o que é certo, porém, é que nos causou má impressão todo esse regimento de termos estrangeiros que, por muito lindos que sejam, só deveriam apparecer num livro escripto em lingua franceza, para que os sentíssemos bem e lhes achássemos o verdadeiro sabor.

Pondo de parte isso, o MAR em si, em todo o seu conjuncto, é um bom trabalho; possui typos bem apanhados, paizagens bem delineadas, marinhas esplendidas, em que se avista e sente ora o ceu azul e largo, arqueando-se sobre o mar sereno e como reflectindo o ceu nas suas agias, ora o mar, esse mesmo mar agora em furia, espumoso, rugindo uns ruidos de léra, sob a escuridão profunda do infinito em noites procellosas.

Como garças brancas, rapidas no vôo leve, surgem de quando em vez imagens novas e felizes.

A phrase canta pelo livrinho afóra como se tivesse sido afluada pelas vozes do oceano, e de cada pagina que volvemos desprende-se um cheiro acre de algas e sargaços.

Um bello estudo impressionista, afinal, uma novella de marinheiros, descripta com sinceridade que não podemos deixar de dizer — impressionados como estamos com o phraseado d'aquellas 60 pag., — que quem escreve já como o Sr. Alves de Farias deve impor-se a si mesmo o dever de honrar as lettras patrias, mimoseando-as de quando em vez com outras producções, que se tiverem o valor d'esta, que acabamos de ler, não de render-lhe os mais justos applausos.

MAR foi prefaciado pelo conhecido contista Virgilio Varzea.

L. R.

## MARIO

(A MEU FILHINHO RECEM-NADO)

Vae! que neste penoso Itinerario,  
Iuvio e fallaz, de espinhos margeado,  
Saibas, levar, herolco, forte, honrado,  
A cruz da vida no cimo do Calvario!

Vae, meu amor, meu pequenino Mario!  
E possas pelo mundo ser louvado  
No papel difficillimo e arriscado  
Que exhibirás do mundo no scenario.

Do vicio os ouropéis, do erro as escorias,  
Que esta jornada perflida contém,  
Não te fasciem, tredas e illusorias.

Segue, minha esperança! Além!... além!...  
Hora o meu nome e cobre-me de glorias.  
Saibas ser homem, possas ser alguem.

DOMINGOS DE CASTRO LOPES.

27-12-1893.

## GAZETILHA LITTERARIA

O formoso "lied" "D. Alda" que hoje publicamos, da lavra de D. Francisca Julia da Silva, foi-nos por ella enviado e, juntamente, a seguinte carta:

Sr. Director d'A SEMANA — Ahí vae um "lied" Sei demais que nestes tempos em que o espirito já se não compraz com o perfume campesino, com o ingenho lyrismo da poesia antiga, tão sincera e tocante na sua simplicidade, mormente no Brazil onde a poesia allemã nunca exerceu influencia apreciavel, os "lieds" que tenho composto, á imitação dos de Goethe, vão passar despercebidos. O "lied" é a poesia popular da Allemanha.

Inspirado no amor, ora expansivo e alegre, ora terno e intimo, tocado d'essa melancolia morbida, d'esse vago e ineffavel languor a que os allemães deram o nome suave de Sehnsucht, o "lied" é o espelho onde se reflectem todas as tradições, todos os sonhos, toda alma, emfim, essencialmente romantica, daquelle povo.

Henri Blaze, o eximio traductor de Goethe, tentou debalde aclimal-o na França.

Fialho d'Almeida já escreveu com muito criterio: "Como generalisar uma tal poesia, quando o espirito não tem mais o perfume da adolescencia e a frescura das edades primaveris? O lyrismo profundo morre, pois, falto de condições sociaes que o impulsionem e fecundem."

E aclimar o "lied" no Brasil, principalmente nesta época, é uma utopia.

Mas, para que se não diga que eu nunca "tentei" alguma cousa, ahí vae um. Mais tarde lhe hei de mandar outros da minguada collecção que tenho. — Sua etc., FRANCISCA JULIA DA SILVA.

Ao nosso redactor-secretario communicou José Vicente Sobrinho, o brilhante e original autor d'"Os palhaços" que deixou de votar no nosso plebiscito ultimo por descuido; porém que se o fizesse daria o primeiro logar ao conto "A Caólha", de Julia Lopes de Almeida, e não esqueceria o "Jeromo", de Pedro Rabello, e "Firmo o vaqueiro", de Coelho Netto. "Este ultimo, então escreve o nosso collaborador enthusiasmo-me completamente e se o não li cem vezes, é porque o li cento e uma."

O bello excerpto que do poema inédito "A raça humana", de Soares de Souza Junior, hoje publicamos, devemol-o á gentileza do nosso joven e estimavel collaborador Soares de Souza irmão do mallogrado poeta, de cujo talento tanto era licito esperar ainda.

Se, como cremos, o poema ficou completo e acabado, deve o seu depositario empenhar todos os esforços para publical-o. E não julgamos lhe seja isso muito difficil, tanto mais que outro não é o seu desejo.

Na apuração do ultimo plebiscito publicamos por engano uma chapa assignada pelo nossos collaborador Placido Junior e redactor-gerente Max Fleiuss. Rectificamos hoje. A chapa publicada trazia unicamente a assignatura de Placido Junior.

Max Fleiuss deu o seguinte voto: I "Conto Alexandrino" de Machado de Assis. II "Fio de ouro" de Alberto de Oliveira. III "A lição de historia" de Domicio da Gama. IV "Praça de escravos" de Valentim Magalhães. V. "Valsa Phantastica" de Afonso Celso Junior. VI "Uma hora sósinhos" de Garcia Redondo.

Para o nosso primeiro concurso de prosa recebemos dois trabalhos mais: um com a legenda QUERER É PODER e o

outro com o ditisco PODE SER QUE SIM. Para o de poesia recebemos uma producção com a legenda — AINDA É SEMPRE.

Recommendamos aos Srs. concorrentes a mais rigorosa observancia das condições por nós estabelecidas e publicadas em todos os numeros da folha.

Na primeira columna do nosso amavel collega de S. Carlos do Pinhal, o Sr. S. Paulo, ORDEM E PROGRESSO, depa-rou-se-nos um artigo intitulado "Ismael Vaga," escripto a proposito da resposta que, a uma carta do Sr. "Gil Petit," foi dada no CONCRETO do nosso numero 22, pelo nosso companheiro de redacção "Enrico."

Naquelle resposta "Enrico," porque lhe citasse o Sr. "Gil Petit" o nome de Ismael Vaga como "conteur," nome para elle inteiramente desconhecido nas lettras, chalaceou um pouco, longe de suppor que um tal pseudonymo, encobrisse como encobre, segundo nos informa o nosso collega de S. Paulo, o nome de um distinctissimo cultor das lettras, como sempre o foi o Dr. Gama e Silva.

Em todo caso é tempo ainda de fazer o acto de contricção. "Enrico" arrepende-se da troça feita, ainda que inoffensiva, e que foi menos dirigida a Ismael Vaga, em quem está disposto a reconhecer um mestre, do que aquelle que nos deu occasião de descobrir sob aquella concha de modestia uma verdadeira perola da litteratura goyana.

E' caso portanto o agradecermos penhorados a "Gil Petit" ter-nos inspirado a pilheria que derramou luz sobre esta nova face do talento do illustre escriptor Gama e Silva, que não sablamos que no meio dos seus trabalhos de largo folego ainda podesse encontrar momentos disponiveis para a feltura paciente do conto e da phantasia.

Que nos desculpe a pilheria o nosso illustrado collega, e prove que o faz honrando estas columnas com algum luminoso pensamento seu e illuminando-as com a fulguração do seu nome assaz respeitado no arrajal das lettras brasileiras. (Sim porque ellas ainda não são "arraiaes").

Quando ao provento ministro do Tribunal de Justiça de Goyaz não sobre tempo para espedir em ninarias litterarias, tel-o-ha certamente o talento cinzelador de tropos e contos gentis.

Começa bem, muito bem o novo anno para as lettras. Além do Coração, de Zalina Rolim, temos a TELA POLICROMA, de Martins Junior e as BOAS FESTAS de Alvares de Azevedo Sobrinho.

De todos esses livros palpitantes de talento, diremos brevemente e com a franquesa de critica que ninguem deiva de reconhecer-nos.

## NO INVERNO

Diz a rosa:

— Pesa sobre a minh'alma o luto da saudade; aves desertam d'este valle frondoso e insectos partem num bando seguindo a primavera. Como é triste o inverno, como é nostalgico e triste!

E a ave repete:

— Pesa sobre mim a nevada tristeza; rosas não brilham mais nas moitas orvalhadas e insectos que outrora zumbiam aqui e alli, partem seguindo a luz. Como é saudoso este inverno, como é saudoso e pesado!

E o insecto diz:

— Pesa sobre a natureza toda a neve da saudade, o luto da tristeza; aves não cantam mais nem rosas vejo que brilhem como outr'ora, na primavera!!

O céu chora copiosas lagrimas de neve que esfriam as azas e maculam as petalas dos lyrios. O bosque é silencioso! A luz espia a medo pelas frinças das arvores, sem folhas quasi, e no chao, outr'ora verde, de um verde de esmeralda, não passam larvas nem pousam borboletas. Como é nostalgico o inverno, como nos punge e magôa tanto este inverno pesado e triste!

Um rio que passava perto, ouvindo estas ultimas canções da natureza, poz-se a repetil-as, magoado, nas suas aguas revoltas:

— Outr'ora a Primavera vinha banhar-se no meo seio e as minhas aguas abriam-se para recebê-la e beijá-la como um amante beija o seu amor... Aves brancas, espalhando-se no meu crystal luminoso, passavam, tocando a minha superficie calma com a ponta das azas finas.

A musica dos insectos, e o lyrisimo suave dos ninhos alegravam-me, e estas arvores, que me ensombriam e affagavam eram como fructeiras enormes cobertas de pomos rubros, eram como gaiolas de ouro repletas de passaros estranhos.

Hoje tenho a silente e dorida quietação da morte. As minhas aguas não correm, crystalisam-se como lagrimas no meu seio e a luz que se reflecte em mim não brilha como antigamente. Inverno, luto d'alma! luto da natureza, eu te maldigo.

E no entanto na choupana alegre de um casal de zagacs cousadiferente se ouvia. Falava o zagal:

— Mais preciosos que os meus rebanhos são os teus olhos negros, pastora... Os teus risos são ovelhas brancas, mais brancas do que as minhas ovelhas. Sinto o balido d'alguma que se perdeu no campo, vêm-me á recordação os dias em que te via de longe pastoreando o teu gado, mas sem poder tocar-te de leve ao menos com a ponta dos meus dedos. O verão brilhava em todo o seu esplendor, E tu me disseste: Emquanto não chegar o inverno, que é o tempo em que as ovelhas ficam no redil e os zagacs não sahem das choupanas, enquanto não chegar o frio inverno, pesado e silente, guardarei sempre na minh'alma o beijo que tenho para dar-te.

Pede ao inverno que volte e á Primavera que parta, ás rosas que se esfolhem, e ás aves que não cantem!...

E o inverno chegou afinal; as ovelhas balam nos redís e enquanto a natureza dorme sobre o manto alvo da neve, beijo os teus labios e gosas os meus beijos. Inverno! Como é bom este inverno! Inverno, alma do amor! Inverno, não partas nunca! Nunca, oh! nunca!

E a pastora repetia tambem:

— Não partas! Não partas! Inverno, alma do amor, não partas!

LUIZ ROSA.

## THEATROS

Houve na semana dois beneficios importantes—o do Xisto Bahia, no Apollo, e o da Aliverti, no Recreio. Ambos muito concorridos. O Xisto teve mais uma occasião de reconhecer quanto o preza e estima este publico. A Aliverti apanhou um "casão." Além de muitos louros—muitas loursas. Parabens á gentil actriz.

Um d'estes dias um d'estes jornaes noticiou que a actriz Herminia, a nossa saudosa Herminia da "Mascotte," residia em Pau, num magnifico castello de sua propriedade.

A gente que frequenta o mundo estranho dos bastidores ha muito que o sabia e mais: que o tal castello lhe veio do seu antigo "collage" com certo "homme d'affaires" de boa "mira."

Pois bem; o correspondente do "Brésil Republicain" em S. Paulo, o trefego e copioso Sr. E. Hollender, a esse proposito escreveu naquelle periodico as seguintes linhas: "Segundo um jornal do Porto, a actriz Herminia possui um castello em Pau. Conheceram-na bem os nossos leitores paulistas: foi ella que creou no theatro brasileiro o genero ultra-canalha. Não me lembra haver jamais visto alguém emittir a obscenidade com tanto impudor como aquella actriz. Herminia havia posto em moda uma cançoneta:

"A Suzanna nos domingos vae á missa, Mas nos dias de semana tem preguiça" que ella cantava com extrema indecencia, e tinha formas plasticas exuberantes, que ella se comprazia em exhibir. Seu ultimo successo no Brasil foi a sua creação no celebre "Bendegó." E agora, ella definitivamente installada em Pau, onde saboreia as doçuras do "pet-au-feu" francez, depois de haver cantado e celebrado a pimenta do vaptá."

Ora ahí está: como a Herminia tem um bello castello na deliciosa região de Pau—sova nella: indecente, indecorosa... etc... Irra! Moralidade—Ninguem pode ter castellos... senão na Hespanha.

P. TALMA.

## COLLABORAÇÃO

### Carta de uma menina

(AO PRIMOROSO POETA RAYMUNDO CORREIA)

Fiquei chorando quando tu partiste,  
Fiquei chorando e sem nenhum corferto;  
E a dor que eu sinto nunca tu sentiste,  
Nem mesmo o Christo que soffrera no Horto.

O meu sombrio olhar, olhar absorto,  
No céu eu oravo como lança em riste;  
Descrente eu vivo, o coração já morto,  
Descrente eu vivo, pensativo e triste.

Eu soffro muito e minha fronte me arde,  
Eu soffro muito, ouvindo o estranho alarde  
Dos crociantes corvos da agouia;

Pois dos meus sonhos e paixões só resta:  
O torvo espectro da ventura mesta,  
O torvo espectro da melancolia!

RAMOS ARANTES.

Ouro Preto, 1—12—1893.

## Factos e Noticias

### FOLHINHAS E ALMANACHS.

Da casa Guimarães & Ferdinando, que bem pode ser chamada "O reino dos chromos," recebemos duas esplendidas folhinhas em que se vêem tres gajos de casaca vermelha e calção preto, monoculo e claque. Quem são elles? Os tres jacarés do "Tintim por tintim?" os "trioletes" do "Tio Celestino?" os "tres bemóes" ou os "Tres ratas?" Olhem que é possível: ha por ahí muito "rata" de casaca, só com a differença de ser poeta.

Além d'essas, mandou-nos tambem uma folhinha de fitas, com pintura delicada e finissima.

São dois papelleiros de bom gosto os Srs. Guimarães & Ferdinando, não ha quem a não salba; mas temos prazer em repetil-o.

E' nosso representante geral em S. Paulo o distincto collaborador d'esta folha Dr. Manuel Ferreira Garcia Redondo, a quem publicamente agradecemos os grandes serviços que a ella tem prestado.

Em Campinas é nosso representante o digno Major Manuel Francisco Mendes, e em Rio Claro o Sr. Major Modesto Antonio Pereira, alli vantajosamente conhecidos.

A todos estes cavalheiros os nossos agradecimentos.

## CONCURSOS LITTERARIOS

Ficam estabelecidos quatro concursos trimensaes, de prosa e verso

O primeiro, aberto, desde já, será encerrado no dia 15 de Fevereiro; o segundo será aberto a 1 de Abril e encerrado a 15 de Maio; o terceiro será aberto a 1 de Julho e encerrado a 15 de Agosto, e o ultimo será aberto a 1 de Outubro e encerrado a 15 de Novembro.

### CONDIÇÕES GERAES

Os manuscritos, dirigidos ao director d'A SEMANA, trarão, em vez de assignatura, uma divisa ou legenda e devem ser escriptos em letra bem intelligivel.

Devem ser todos completamente inéditos.

Cada manuscrito será acompanhado de uma sobrecarta, na qual se leia a divisa ou legenda correspondente ao manuscrito, a declaração: "Prosa" ou "Poesia", e dentro da qual virão o nome e a residencia do autor do trabalho.

Quer para as composições em prosa como para as em verso a maxima liberdade é concedida para a escolha do assumpto e a fórma da obra.

O mesmo autor pôde concorrer a ambos os torneios, tanto o de prosa como o de poesia. Cada concorrente só pôde apresentar um trabalho.

Os trechos de prosa—contos, quadros, fantasias, seja o que for—não deverão ter menos de 150. linhas (de uma tira de almagço) nem mais de 400.

Os poemas não conterão menos de 14 versos nem mais de 150.

Nos mezes de Março, Junho, Setembro e Dezembro serão publicados os trabalhos premiados em cada concurso anterior.

### OS PREMIOS

Para o concurso de poesia só estabelecemos um premio. Para o de prosa—tres: primeiro, segundo e terceiro. Se acontecer que dous, tres ou quatro poemas mereçam o premio unico, será este conferido a um e os outros passarão para o seguinte concurso. O mesmo para o caso de merecerem varios trechos de prosa o primeiro dos tres premios.

Consistirão estes em livros de luxo, raridades bibliographicas, autographos preciosos, retratos de celebridades, ricamente enmoldurados, etc.

A DIRKÇÃO.

CORREIO

EXMA. SRA. D. CELIA. (Juiz de Fora)—Penhorados em extremo por sua gentilissima carta. Tudo nella é fino e distincto—a calligraphia, a redacção, os conceitos. O BRIC-A-BRAC deve ser distribuido aos assignantes e exposto á venda em fins de fevereiro; as CARICIAS um pouco mais tarde. Somos inteiramente do seu parecer quanto ao excerpto que d'ellas publicámos—um mimo! Já que V. E. se mostra tão benevolente para o conto O PRIMEIRO DENTE, do qual diz-nos V. E. haver fornecido copia a todas as suas amigas, vamos fazer-lhe uma confidencia: do autor d'O PRIMEIRO DENTE será publicado até junho um livro intitulado NO LAR, todo composto de trabalhos no genero d'aquelle. Diz-nos V. E. que não havemos nunca do conhecê-la. Isso é que é crueldade, minha senhora, e que nos dóe fundo, por injustissima.

Sr. H. DE G. (Rio Claro)—Sempre que nos haja de honrar com trabalhos seus, pedimos-lhe que escreva só de um lado das tiras.

Sr. DR. F. DE A. (Ouro Preto)—Registrada, e com recibo de volta, recebemos uma amostra de su'alma. Devolvemos-lhe a sua obra, e, mandando-a ao autor, mandamos tambem o autor á obra. Cada um dá o que tem, bem sabemos; mas, por quem é, não desfalque a sua perfumaria. Um conselho para terminar: não é prudente abusar de aromas fortes, e é provavelmente pelo uso immoderado que V. S. faz do extracto do perfumista Cambonne que V. S. é tão pallido. Moderação, doutor.

Sr. UM ASSIGNANTE.—Não respondemos ás suas perguntas porque V. S. não assignou a carta nem indicou o numero de seu recibo.

Sr. L. DE T. (Casa Branca)—Seu artigo, interessante pelo assumpto, digno de attenção pelas autoridades em que se firma, será publicado na primeira oportunidade. E continue: sua collaboração será sempre bem recebida.

D. M. C. C. S.—Póde mandar; publicaremos, e tambem o soneto que nos enviou.

Sr. M. B. C. (S. Paulo)—Muito bem vindo! Recebidos os seus sonetos. Obrigados pela dedicatória do primeiro—VERÃO. Estou com elle, quasi como os lagartos—adormecido. Serão publicados. Pudera! Se além de bonitinhos, são escriptos com uma calligraphia de lambar... as letras!

ENRICO.

Tratos á bola

O jejum, meus caros tratistas, foi o jejum e a penitencia que me obrigaram a afastar da cachola durante alguns dias as cousas profanas e só cuidar das cousas que levam ao paralso. Agora, purificada a alma pela maceração e pelas cilicias, volto ás "tratices."

E como um dia não são dias, atiro o capuz para traz das costas, desato o cordão da cinta arregação um pouco o habito, (não se assustem), e caio na cançica, dizendo como aquelle collega de immorredoura memoria:

Não sou padre não sou nada, sou um homem como os outros!

Sabem os meus piedosos ouvintes quem agadanhou da vez passada o premio, que era mesmo de arregalar o olho e euchar a bochecha d'agua?

Sabem quem foi? Foi o felizardo do "Thlanor."

Atraz d'elle, e com pés de lã vieram os Babylonias (Thebas já está muito batido!) conhecidos nas luctas charadisticas pelos nomes assaz gloriosos de "Marla P."—"Pi"—"Bibliophiol" (algumas)—"Nogueira Junior"—"Cancureinha"—"Euquirneh"—"Papafina" que falharam alguns tiros. Mas... tardaram!

As decifradellas do passado, isto é, das charadicas do n. 22 são:

1ª Decimo—2ª Solano—3ª Camachocacho—4ª Triangulo tem tres angulos 5ª Chile—6ª Manoel—7ª Exaltar—8ª Arpejo—9ª Ai—10ª Apa—11ª Noto 12ª Jacarépaguá.

Agora toca á fazenda nova.

ENYGMATA

Metto-me por toda parte,  
Mesmo sem ser convidado;  
Quente ou frio sou chamado,  
No mar estou, sou de Marte;  
De todos sendo invisivel,  
Sou, comtudo, imprescindivel.  
Reina a morte onde não 'stou,  
Na arte tambem sou visto;  
Tenho poder sem ser Christo;  
Em conclusão: Deus não sou.  
Quereis agora encontrar-me?  
Junto a vós podeis achar-me.

FRITZ.

NOVISSIMA

(A' Lilazia)

E' virtude que estudei na musica em certo espaço de tempo. Encontrei um homem.—1, 1, 1, 2.

Mata e corre para o movel.—2, 2.

Na hendeandria está alegre a lettra porque a interjeição é mulher.—1, 1, 1, 1.

ALEXANDRINA

Por já se ter dado  
Não é um facto virgem  
Que "ella" muitas vezes,  
A "elle" dê origem.

ALVA COLOMBINA.

LOGOGRIPO

Que eu bem sirvo de adorno  
Nao posso aqui negar; 1, 10, 7, 5.  
Cavallo de Plutão... 9, 11, 6, 4, 8.  
E toca a procurar;  
Si agora no navio  
Prestares attenção  
Encontras esta parte 2, 3.  
Sem grande amolação.

CONCEITO

De vaidades já isento,  
Aborrecido do mundo,  
Encontrarás certo homem  
Que é mestre e mestre profundo.

VIOLETINA.

No alphabeto brilha esta cidade—1, 1.

A flor corre para o devoto—2, 2.

URUBU MALANDRO & RAPA QUEIJO.

PROBLEMA



[Palitos]

Dos vinte e cinco que tenho  
Doze deves retirar  
E dos treze que te restam  
Um nome deves formar:  
Sou do Brasil,  
Bem longe d'aqui  
'Stou no Amazonas  
Não passo d'alli.

MARQUEZ.

E agora, como chave de ouro, lá vae esta minha, que ha de ser decifrada quando as gallinhas tiverem crista:

O que é que repica,  
Que, sendo de bronze,  
Não só bate as onze  
Mas doze tambem,  
Que é no alto da torre,  
Das festas regalo,  
Que, tendo badalo  
Tambem bocca tem?

Duvido que mettam o dente nesta!  
E sem mais...

FREI ANTONIO.

ARCHIVO

Boas FESTAS, versos de Alvares de Azevedo Sobrinho. Sem data nem indicação de typographia.

— TELA POLYCHROMA, versos de Isidoro Martins Junior, Rio de Janeiro, 1893. Editor Dr. Rodolpho de Faria, S. Paulo, com um retrato do autor.

A SEMANA

São representantes d'A SEMANA:

Em S. Paulo—O Sr. Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo.

Em Campinas—O Sr. major Manoel Francisco Mendes.

Em Rio Claro—O Sr. major Modesto Antonio Perelra.

Em Santos—O Sr. Azevedo Sodré Junior.

Em S. Carlos do Pinhal—O Sr. Carlos do Carvalho.

Em Ouro Preto—O Sr. Zoroastro Pires.

Em Uberaba—O Sr. Theophilo de Medeiros.

Em Maceió—O Sr. Dr. Enéas Moreira.

Em Pernambuco—O Sr. Dr. Isidoro Martins Junior.

São agentes:

Em S. Paulo—Os Srs. José Filinto da Silva, Achilles Spillborghs e Anselmo de Carvalho.

Em Santos—O Sr. Welmann & C.

Em Campinas—O Sr. Pedro José Gonçalves.

Em Tieté—O Sr. Jullo Garcia Vieira.

Em Ouro Preto—O Sr. J. A. de Souza Vianna & C.

Em Juiz de Fora—Os Srs. Annibal Jaguaribe e Rodrigo de Souza Borges.

Em S. João d'El-Rey—O Sr. Arthur Alvim.

Na cidade de Palma (Minas)—Os Srs. Randolpho Barbosa & C.

Em Leopoldina (Minas)—Os Srs. L. Guimarães & C.

Em Porto Alegre—O Sr. A. Mazon.

Na Parahyba do Sul—O Sr. Verissimo Pacheco.

Em Campos—O Sr. Marlo Fontoura.

Em Santa Theresa de Valença—O Sr. Antonio de Avellar Werneck.

Na Victoria—O Sr. Manoel Corrêa de Jesus.

Na Bahia—Livraria Olivieri, do Sr. Fernando C. Koch.

Em Sergipe—O Sr. Jacintho Gentil de Almeida.

Em Maceió—A Livraria Francino e a Livraria Novo Mundo.

Em Pernambuco—O Sr. Hugo & C.

Na Parahyba—O Sr. Manoel Henriques de Sá.

No Rio Grande do Norte—O Sr. Manoel Coelho da Silva Oliveira.

No Ceará (Fortaleza)—Os Srs. Joaquim José de Oliveira & C.

No Ceará (Baturité)—José de Pontes Medeiros.

No Maranhão—Os Srs. Ramos d'Almeida & C.

Omittimos os nomes de alguns amigos a quem escrevemos, porque não tivemos até esta data resposta das respectivas cartas. Uma vez, porém, que estas cheguem, gostosamente incluiremos os que se dignarem aceitar a agencia da "Semana".



**ESTABELECIMENTO  
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado  
115 — Rua Sete de Setembro — 115  
Rua da Carioca, 12 e 14  
FILIAL EM PETROPOLIS

**CHAPELARIA AMERICANA**

EM FRENTE A CASA PASCHOAL

**CARVALHO PORTUGAL & C.**

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,  
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

**FABRICA ORPHANOLOGICA**

DE

**FLORES ARTIFICIAES**

Ribeiro de Carvalho & C.  
RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,  
etc., etc

**PIANOS E MUSICAS  
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

**O PEDAGOGIUM**

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

**BIBLIOTHECA**

Laboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica  
e Historia Natural.

**EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR**

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

**REVISTA PEDAGOGICA**

Orgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos  
Srs. Professores.

ESTA' PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

**Dr. R. Rajardo**

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

**DR. HENRIQUE DE SÁ**

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

**Dr. Ed. Chapot Prévost**

Lente Cathedratico da Faculdade

**Gynecologia e Operações**

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

**DR. VALENTIM MAGALHÃES**

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

**DR. VIEIRA SOUTO**

Medico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

**Papelaria LUIZ MACEDO**

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos  
para escriptorio e de fantasia.